

# Índios pegam em armas e fecham Transamazônica

Mais de duzentos índios armados estão bloqueando, desde a manhã de ontem, a Transamazônica, no trecho que passa a 25 quilômetros da cidade de Tocantinópolis, em represália à demora do governo federal em demarcar a área dos Apinajé. Outros 400 guerreiros de oito tribos estão prontos para abrir picadas em toda a área hoje. A situação está fora de controle.

Deu em nada a reunião, ontem, entre os ministros do Interior, Mário Andreazza, e de Assuntos Fundiários, Danilo Venturini. Mas a Funai acredita que os dois ministros deverão anunciar a qualquer hora uma decisão para o caso. O cacique Raoni, que tentava controlar os índios aguerridos, desistiu. Ontem ele chegou a pedir à Funai que busque uma saída com Tancredo.

## Bloqueio aguarda decreto

TOCANTINÓPOLIS - (dos enviados especiais Conceição de Freitas - texto - Yosikazu Maeda - fotos) - Está declarada a guerra. Ontem pela manhã, os índios Apinajé, Trumai, Carajá, Xavante, Xerente, Kraô, Txucaramãe, Caiapó, Canela, Krenhakarore, Guaraní e Terena não concordaram com o resultado da reunião entre 10 de seus líderes e o capitão PM Martins, realizada às 7 horas da manhã, em uma barraca de lona do agrupamento da Polícia Militar, a 14 quilômetros da cidade. Pintados para a guerra, armados de espingardas, carabinas, flechas, facas, facões e bordunas, eles bloquearam a rodovia Transamazônica e de lá só saem "quando o decreto for assinado". Mas eles não ficarão apenas no bloqueio da rodovia e pretendem iniciar ainda hoje as picadas.

Agressivos e sem permitir nem mesmo a aproximação dos repórteres, que tiveram de documentar o bloqueio da Transamazônica a cerca de 50 metros da barreira, os índios não se conformaram com o que ficou decidido entre os caciques e o capitão Martins, que, com alguma dificuldade, conseguiu um pouco antes convencer a liderança indígena a esperar mais um dia. Após quase uma hora de reunião, os caciques voltaram à Aldeia São José, à exceção de Raoni, que foi telefonar para o Presidente da Funai, Nelson Marabuto. E lá encontraram os índios dispostos a não darem mais nem um minuto de trégua.

### AS PICADAS

Foi uma madrugada tensa, a de ontem. Quase ninguém dormiu na Aldeia São José, depois que o Presidente da Funai manteve contato com o seu assessor, o antropólogo Cláudio Romero, que está na Aldeia junto com o Chefe da Ajudância da Funai em Araguaína, Gilberto Azânia. Os índios queriam iniciar as picadas naquele momento e pretendiam queimar algumas casas na área por eles pretendida. A notícia chegou até aos barracos dos

trabalhadores rurais e houve quem abandonasse a área mardrugada adentro.

Como retirantes nordestinos, Francisco Dias, sua mulher Francisca Dorotéia da Silva, e quatro filhos arrumaram suas poucas roupas em um saco de anilagem, as outras em uma trouxa, pegaram dois cachos de bananas quase maduras, as lamparinas, cachorro, frango e salm em busca de proteção. "O povo faz muito medo na gente. Disseram que os índios iam queimar as casas, mas eles são amigos meus", afirmou dona Francisca.

Amigos ou não, Joaquim da Silva e sua mulher, que moravam na mesma casa de Francisco, também arrumaram as trouxas. Francisco não esqueceu de levar a espingarda de seu patrão. O caminhoneiro Geraldo da Silva, transportando uma carga de 80 sacos de cimento e material de casa pré-moldada, foi o primeiro a ser bloqueado pela barreira. Ele pretendia chegar ao povoado de Luzinópolis, a 40 quilômetros do local onde os índios fincaram suas armas. Impedido de seguir viagem, Geraldo teve que se conformar em buscar outro caminho, aumentando em 50 quilômetros seu percurso.

### TENSÃO

A linha que separa a paciência da revolta atingiu ontem o seu grau mais tenso. Isto ficou claro não apenas na decisão tomada pelos índios como também no telefonema feito pela manhã, da cidade de Nazaré, vizinha a Tocantinópolis, pelo antropólogo Cláudio Romero ao Presidente da Funai. Romero informou a Marabuto do bloqueio da Transamazônica e disse que não tem mais condições de evitar que os índios façam as picadas. Raoni também conversou com Marabuto e disse que sua paciência acabou. "Vou a Brasília falar com Andreazza, Venturini, Figueiredo e Tancredo também", informou o Cacique.

## Só falta ouvir "Geraldão"

O delegado Domingos Teixeira de Jesus deve pedir a prisão preventiva do vereador José Bonifácio, que no domingo último feriu a tiro de escopeta o soldado do Serviço de Informação da Polícia Militar, Gerson Edmar Leite, de 22 anos, caso ele não se apresente até a próxima semana. O inquérito policial está perto de ser concluído, bastando apenas ouvir o fazendeiro "Geraldão", que fazia parte da mesa em que Bonifácio e outros amigos bebiam no dia do crime. O delegado Domingos de Jesus argumenta que a preventiva será solicitada ao juiz devido ao fato do vereador encontrar-se "em lugar incerto e não sabido".

Ontem Gerson Leite foi ouvido pelo delegado que preside o inquérito e, confirmando depoi-

mento de seu colega e do motorista da Funai, Djalma Ribeiro, afirmou que quem atirou primeiro foi o vereador. Gerson diz que, assim que chegou ao Posto Avenida e escoltando o motorista que ia abastecer a caminhonete da Funai, foi ao banheiro. Ao voltar, viu o vereador mandando Djalma Ribeiro sair daquele local. O motorista correu para se esconder e Bonifácio andou em direção ao soldado e disparou.

O tiro de escopeta não levou Gerson à morte instantânea por ter sido disparado a curta distância, quando o leque de chumbo ainda formava um ângulo pequeno. O revólver do soldado estava na cintura junto ao zíper da calça e protegeu parte dos intestinos da vítima.

## Ministros nada decidem

Brasília - Os ministros do Interior, Mário Andreazza, e de Assuntos Fundiários, Danilo Venturini, não chegaram ontem a um acordo sobre a questão dos índios Apinajé. Na reunião, Andreazza defendeu a posição da Funai, que reivindica a demarcação de uma área de 148.600 hectares para os índios e Venturini, a proposta levada ao Grupo Interministerial que estuda o problema, pelo Getat - Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins e Incra, que querem a diminuição da área para 103 mil hectares, deixando de fora a rodovia Transamazônica. Preocupado com a indefinição do governo, o chefe do Gabinete da Funai, Marcos Terena, disse que os indígenas que estão na área não tem mais condições de evitar que os índios voltem a demarcar, por conta própria, a área que ocupam.

"A Funai pediu tempo aos índios para resolver o problema - disse ele - e tínhamos a esperança de que se chegasse a uma solução para o impasse, o que não ocorreu. Agora, não podemos mais garantir que os índios irão esperar". Na Funai, os assessores do presidente, Nelson Marabuto, criticavam a posição intransigente adotada pelo MEAF, afirmando que os maiores prejudicados, no momento, são os posseiros, que estão deixando a área indígena, sem que tenha sido definido um local para o seu reassentamento.

Apesar do impasse, a Funai acredita que os dois ministros, nas próximas horas, deverão anunciar uma decisão para o caso, pois reconheceram, na reunião, a situação de grave tensão que persiste na área.

## Três cidades ameaçadas

O prefeito de Tocantinópolis, José Sabóia de Souza Lima, disse ontem que se o Governo permitir a demarcação de 148.600 hectares de terras para a reserva dos índios Apinajé, irão desaparecer do mapa de Goiás nada menos que três cidades, com grande prejuízo para outro município. Com certeza, a medida decretaria o fim de Tocantinópolis, Araguaatins, Itaguatins e isolaria completamente o município de Nazaré.

Fazendo um apelo sentido e dizendo que não pode se omitir num momento decisivo como este, o Prefeito pergunta: "Será racional, justo, lógico ou democrático, destruir três cidades, com uma população aproximada de 120 mil habitantes, para assegurar uma espécie de latifúndio a pouco mais de 400 indígenas?"

### UM DESAFIO

José Sabóia reconhece o direito dos silvícolas à vida com dignidade, como de qualquer outra minoria, e admite que deve constituir preocupação primeira de todo administrador responsável, sobretudo num regime democrático, a garantia da sobrevivência com participação e voz de todas as camadas sociais, minorias no meio.

"Nós, em Tocantinópolis, em momento algum, fomos contra, nem autoridades nem a população, a demarcação de uma reserva indígena que atenda aos interesses de sua gente. O que nós desafiámos a quem quer que seja é que prove que seja racional, seja justificável, ou que não seja

fruto de interesses estranhos, a demarcação de um verdadeiro território para os índios que certamente irá ficar inexplorado, sem qualquer finalidade. Seria, na forma e na essência, um latifúndio totalmente improdutivo", afirmou Sabóia.

Tentando corrigir o que chamou de "parcialidade da imprensa", o prefeito José Sabóia explicou que os chamados brancos, ou a população da cidade, jamais invadiram a reserva indígena ou a terra dos índios como tem sido noticiado. "É preciso que se diga que Tocantinópolis é uma cidade com mais de 150 anos e os índios lá chegaram por volta de 1918 e por todo esse tempo houve convivência pacífica entre índios e brancos e ausência de incidentes. Agora, perguntou, por que de uma hora para outra a população iria voltar-se contra os índios?"

### LATIFÚNDIOS

Disse ainda o Prefeito, a propósito do número de índios da aldeia São José: "Em Tocantinópolis, a aldeia dos Apinajé tem pouco mais de 400 indígenas. Trinta mil alqueires goianos de terreno dariam para cada índio cerca de 75 alqueires. Se compararmos com a minireforma agrária que o Governo pretendia promover com o Usucapião Especial veremos que estaria havendo um tratamento muito dispar em relação a posseiros já que para cada um a lei permitiu apenas 25 hectares, ou 5 alqueires, mais ou menos".